

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Entre adolescência, família e comunidade: percepções dos educadores sobre as drogas no território escolar

Between adolescence, family and community: educators' perceptions of drugs in the school territory

Edna Linhares da Silva; ^{I*} Letiane de Souza Machado; ^I Lais Machado Corrêa; ^I Stéfanni Vargas Silveira; ^{II} Kayla Niandra da Silva; ^{III} Jodéli Fabiana Dreissig; ^I

^I Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil

^{II} Universidade Federal da Fronteira Sul, Passo Fundo, RS, Brasil

^{III} Escola de Saúde Pública, Porto Alegre, RS, Brasil

Palavras-chave: profissionais da educação; adolescência; educação e saúde; drogas na escola; pesquisa qualitativa.

Resumo: O artigo tem como objetivo compreender os sentidos produzidos pelos educadores acerca da relação que o adolescente estabelece com a droga, e seus atravessamentos na família, escola e comunidade. Optou-se por uma abordagem qualitativa com objetivo descritivo e documental. A produção de dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas com a equipe diretiva de 16 escolas. Os dados foram submetidos à análise de sentidos de Spink. Os principais resultados foram: 1. O fenômeno da droga e da drogadição na escola; 2. Atuação profissional; 3. Ações desenvolvidas sobre a temática; 4. Faixa etária identificada como mais vulnerável. Os profissionais da educação apontam que há distintas demandas, explícitas e implícitas, sobre a droga entre os territórios devido a diversidade que os envolvem. Constata-se o sentimento de frustração na relação com o aluno e com as questões que envolvem adolescência e drogas. Destaca-se a necessidade de uma melhor articulação entre saúde e educação na capacitação dos docentes, sobretudo considerando o processo do adolescer, com foco na promoção e prevenção em saúde que envolvam segurança, acolhida e construção de uma relação horizontalizada entre professor-aluno.

Keywords: education professionals; adolescence; education and health; drugs at school; qualitative research.

Abstract: The aim of this article is to understand the meanings produced by educators about the relationship that adolescents establish with drugs, and the ways in which this intersects with the family, school and community. It opted for a qualitative approach with descriptive and documentary objectives. Data was collected through semi-structured interviews with the management team of 16 schools. The data was submitted to Spink's analysis of meanings. The main results were: 1. the phenomenon of drugs and drug addiction at school; 2. professional performance; 3. actions taken on the subject; 4. the age group identified as most vulnerable. Education professionals point out that there are different demands, both explicit and implicit, regarding drugs between the territories due to the diversity that surrounds them. There is a sense of frustration in the relationship with the student and with the demands involving adolescence and drugs. There is a need for better coordination between health and education in teacher training, especially considering the process of adolescence, with a focus on health promotion and prevention involving safety, acceptance and building a horizontal relationship between teacher and student.

* Endereço para correspondência: Av. Independência, nº 2293, Universitário, Santa Cruz do Sul, RS, 96815, Brasil. E-mails: edna@unisc.br, letianemach@gmail.com, lalis.machadoc@gmail.com, stefannivargas@gmail.com, kayla.niandras@gmail.com, jodelidreissig@gmail.com.



Palabras clave: profesionales de la educación; adolescencia; educación y salud; drogas en la escuela; investigación cualitativa.

Resumen: El artículo tiene como objetivo comprender los sentidos producidos por los educadores acerca de la relación que el adolescente establece con la droga, y cómo esta repercute en la familia, la escuela y la comunidad. Se optó por un enfoque cualitativo de carácter descriptivo y documental. La obtención de datos se realizó mediante entrevistas semiestructuradas con el equipo directivo de 16 escuelas. Los datos se sometieron al análisis de sentidos de Spink. Los principales resultados fueron: 1. El fenómeno de la droga y la drogadicción en la escuela; 2. La actuación profesional; 3. Las acciones desarrolladas en torno a esta temática; 4. El grupo de edad identificado como más vulnerable. Los profesionales de la educación señalan la existencia de distintas demandas —explícitas e implícitas— relacionadas con las drogas en los diferentes territorios, debido a la diversidad que los caracteriza. Se constata un sentimiento de frustración en la relación con el alumno y ante las cuestiones que vinculan la adolescencia con el consumo de drogas. Se destaca la necesidad de una mejor articulación entre los sectores de salud y educación para la capacitación docente —especialmente considerando el proceso de la adolescencia—, centrada en la promoción y prevención de la salud e impulsando la seguridad, la acogida y la construcción de una relación horizontal entre profesor y alumno.

Introdução

A escola se constitui como um espaço de encontro para os adolescentes, sendo um dos principais ambientes de convivência e de construção da subjetividade. Nesse contexto, os jovens estabelecem relações com figuras de autoridade, vivenciam dinâmicas de poder e aprendem sobre limites. Além de seu papel formativo, o ambiente escolar desempenha um papel na construção de uma percepção crítica de si mesmos e do mundo (Koehler, Gonzales; Marpica, 2021). Dessa forma, os professores, principais atores imersos nesse meio, possuem uma vista privilegiada das relações que permeiam o âmbito escolar, por seu convívio com os alunos, seu conhecimento e sua inserção na comunidade. É desse lugar de privilégio que a escola e os educadores se apresentam como facilitadores para a construção de ações em saúde com jovens em idade escolar. Em especial, tratado nesse estudo, a educação em saúde relacionada a adolescência e a drogadição, dentro e fora do ambiente escolar.

Os professores e a equipe diretiva constituem contato direto e longitudinal com os adolescentes. Coelho e Dell’Aglío (2019) afirmam, em pesquisa sobre a satisfação de escolares no ensino médio, que a escola é local central para intervenções que visam promover maior bem-estar dos adolescentes, podendo abordar questões alusivas à saúde física e mental. Neste viés, o Programa Saúde na Escola (PSE) prevê o trabalho intersetorial, co-responsabilizando as equipes de saúde do território por ações de educação em saúde dentro das escolas. Cabe aos professores darem continuidade às temáticas, lidando com possíveis repercussões, possibilitando o seguimento das ações, além de realizarem o intercâmbio entre pais, alunos e os demais moradores da localidade (Brasil, 1996).

Contudo, as possibilidades atribuídas aos profissionais da educação dão-se em um contexto de sucateamento das escolas públicas da educação e pouca valorização desse setor, tal como traz à tona Falcão (2024) que abarca que tal crise é multifacetada e reflete em muitos

níveis, seja da infraestrutura a desigualdades persistentes. Os autores também ressaltam o papel constituinte do professor tanto quanto da escola para reinventar e promover transformações pertinentes e compatíveis ao contexto atual.

Targino e Hayasida (2018), em uma revisão de literatura sobre fatores de risco e proteção ao uso de drogas, encontraram diversos estudos que relacionam adolescência e uso de drogas. No entanto, as abordagens relacionadas à escola como local de intervenção e que investigam a visão dos educadores sobre a temática configuram um campo pouco explorado. Esses profissionais possuem um olhar abrangente do cotidiano escolar e sobre seus acontecimentos, sendo possíveis agentes de transformação. Essa deve ser pautada na gestão democrática, na autoridade e na autonomia da equipe diretiva (Brasil, 1996, 2014). Assim, os educadores se tornam peça-chave na construção de conhecimento sobre questões relacionadas à adolescência e à drogadição.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2019, 67,4% das meninas e 58,8% dos meninos já haviam experimentado bebidas alcoólicas antes dos 14 anos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2022). Similarmente, um estudo desenvolvido no município de Santa Cruz do Sul - RS, evidenciou a prevalência do primeiro contato com a droga ainda no intervalo dos 12 aos 17 anos de idade (Garcia et al., 2012). A partir desse cenário foi desenvolvida uma pesquisa “Produção de sentidos acerca da drogadição: panorama do uso de drogas sob o enfoque do adolescente e da família na intersecção do contexto escolar, PSE e CAPSia em Santa Cruz do Sul”, a qual buscou compreender como a temática da drogadição é percebida pelos adolescentes, educadores e profissionais de escolas de um município do interior do RS. Este artigo, então, se configura como um recorte da pesquisa, e buscou elaborar os sentidos atribuídos pelos educadores frente à temática das drogas em relação à vivência no âmbito escolar.

Frente ao exposto, destaca-se a importância de intervenções e pesquisas acerca da prevenção ao uso de drogas e a promoção da saúde na adolescência. O presente trabalho visa compreender os sentidos que os profissionais da educação produzem sobre a relação que o adolescente estabelece com a droga, bem como suas concepções acerca da adicção e do tráfico de drogas na comunidade, de modo a revelar como as relações de autoridade se organizam e permeiam as atividades realizadas no ambiente escolar, alusivas a essa temática.

Encaminhamentos metodológicos

Esse estudo consiste em um recorte da pesquisa “Produção de sentidos acerca da drogadição: panorama do uso de drogas sob o enfoque do adolescente e da família na intersecção do contexto escolar, PSE e CAPSia em Santa Cruz do Sul”, desenvolvida pelo

Grupo da Pesquisa sobre Adolescências. Para seu desenvolvimento foram delineados três eixos que contemplavam a relação da escola com as Unidades Básicas de Saúde, com as equipes diretivas e com os adolescentes. Na escrita deste artigo, utilizou-se do Eixo II, focado em entrevistas com as equipes diretivas de escolas do município pesquisado, buscando compreender os sentidos que eles produzem sobre o tema da droga e da drogadição na adolescência, quais seus sentimentos e estratégias diante do assunto.

Na perspectiva da pesquisa intervenção, a produção de conhecimento foi sustentada como uma via de mão dupla, considerando que o pesquisador influencia a realidade na qual se insere. Sendo assim, esse modo de pesquisar considera os indivíduos em sua integralidade e complexidade, de modo que não se pode dissociar o pesquisador e seu objeto de pesquisa, mas pelo contrário, pensá-los em uma relação complexa e dinâmica. A reflexão do pesquisador acerca de sua prática se torna um movimento constante (Amador; Lazzarotto; Santos, 2015).

O recorte escolhido para elaboração deste artigo corresponde ao Eixo II, que consiste em encontros com profissionais de educação, que compõem a equipe diretiva de escolas públicas (estaduais e municipais) na cidade de Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul (RS). Nessas ocasiões, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas que possibilitam ao pesquisador compreender o contexto social e individual dos participantes (Minayo, 2007; Duarte, 2004). Foram utilizadas duas perguntas disparadoras para a produção de dados: 1 - Como a escola percebe o fenômeno da drogadição no território e como isso se apresenta na escola?; 2 - Quais ações já foram desenvolvidas sobre a temática e se está sendo desenvolvida alguma atividade no momento? visando o registro e organização dos dados produzidos, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

A análise de dados buscou evidenciar os sentidos produzidos pela equipe diretiva sobre a temática das drogas e da drogadição na escola e no território. Para isso, utilizou-se o constructo teórico-metodológico de Mary Jane Spink (2010), que propõem a compreensão dos sentidos produzidos nas práticas discursivas do sujeito, a partir do seu lugar de fala e do contexto social que está inserido. Foram construídos marcadores de falas, em torno dos quais os dados foram organizados, produzindo um mapa conceitual e possibilitando reflexões e interpretações. Todos os dados produzidos foram discutidos e revisitados pela equipe de trabalho. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul sob o parecer nº 4.424.317.

Resultados

Caracterização da amostra

No total, 16 escolas foram alvo da pesquisa, dentre as quais, 9 estaduais e 7 municipais, abrangendo 3 da zona central, 11 da zona periférica e 2 da zona rural. Evidenciam-se diferenças no que se refere a territorialidade, as onze escolas periféricas contempladas, de modo geral, referem a drogadição como uma temática mais próxima, citando o tráfico no bairro (n=9), o uso de drogas dentro ou nos arredores (n=8), e ainda, famílias de estudantes envolvidas com o tráfico (n=3). As duas escolas do interior, referem uma aproximação maior dos adolescentes com o álcool (n=2), embora o tráfico também já se faça presente (n=1). Em relação às escolas centrais (n=3) os relatos sobre a realidade da droga são conflitantes, sendo que duas reconhecem a demanda como distante e uma como ponto central de discussão. Essa diferença se deve ao perfil de alunos contemplados por essa instituição, sendo eles marcados como ‘alunos problema’, termo que discutiremos mais detalhadamente ao longo da discussão.

Foram entrevistados 21 profissionais da educação, dentre eles, orientadores educacionais (n=8), diretores (n=7), supervisores (n=4) e vice-diretores (n=2). Em 6 escolas as entrevistas foram realizadas com mais de um profissional de modo concomitante. Para além das 16 escolas incluídas na pesquisa, outras 4 foram contatadas (três escolas centrais e uma periférica), contudo não aceitaram a intervenção do projeto. As justificativas dadas pelas equipes diretivas para as negativas foram: a ausência da demanda de discussões acerca do fenômeno da droga e da drogadição, não vendo necessidade de intervenção; a sobrecarga de outras atividades desenvolvidos no ambiente escolar; e inseguranças relativas à abordagem da temática, como a possibilidade de incitar o uso de drogas entre os adolescentes.

Visando uma compreensão mais clara dos dados e discussões foi elaborada uma tabela que apresenta as escolas, que por questões éticas são apresentadas com nomes de árvores nativas do Brasil. Apresentam-se ainda, os profissionais escutados, a modalidade de ensino de cada escola e a contextualização territorial.

Quadro 1 - Descritivo da equipe diretivas, modalidade de ensino e localização das escolas participantes

Escola	Profissionais escutados	Modalidade de ensino	Localização
Angico branco	Supervisora	Ensino Fundamental e Médio	Periferia
Pitangueira	Diretora	Ensino Fundamental	Periferia
Pindaíva	Supervisora e vice-diretora	Ensino Fundamental	Periferia
Figueira	Diretora	Ensino Fundamental e Médio	Periferia
Araçá amarelo	Orientadora e diretora	Ensino Fundamental	Periferia

Angico vermelho	Coordenadoras, diretora e supervisora	Ensino Fundamental e Médio	Periferia
Jerivá	Supervisora e Vice-diretora	Ensino Fundamental e Médio	Periferia
Boleiro	Orientadora	Ensino Fundamental	Periferia
Sucupira branca	Orientadora	Ensino Fundamental e médio	Periferia
Guatambú	Supervisora	Ensino Fundamental	Periferia
Ipê roxo	Vice-diretora	Ensino Fundamental e médio	Interior
Timbó	Orientadora e diretora	Ensino Fundamental	Interior
Amburana	Orientadora e diretora	Ensino Fundamental	Periferia
Aldrago	Supervisoras e orientadoras	Ensino Fundamental e Médio	Centro
Gurucaia	Diretora, coordenadora e orientadora	Ensino Fundamental e Médio	Centro
Paineira rosa	Orientadora	Ensino Fundamental e Médio	Centro

Fonte: Autor.

Para melhor apresentação e discussão dos resultados foram elencados 4 marcadores: 1. O fenômeno da droga e da drogadição no ambiente escolar; 2. Atuação profissional; 3. Ações desenvolvidas sobre a temática; e 4. Faixa etária identificada como mais vulnerável.

O fenômeno da droga e da drogadição no ambiente escolar

O primeiro marcador diz respeito a como os profissionais da educação elaboram a drogadição na escola e no território no qual é situada. As respostas contemplam tráfico nos arredores da escola (n=11), o envolvimento de membros da família de alunos com o tráfico de drogas (n=4), o uso de drogas ilícitas dentro e fora das dependências da escola (n=9), no qual a maconha teve destaque. No caso das substâncias lícitas (n=8), o álcool teve maior ênfase. Em meio às falas dos entrevistados surgem reflexões sobre as questões sociais que poderiam levar ao uso de drogas, dentre elas a ascensão social e a socialização entre pares que a droga proporciona (n=3).

A supervisora da escola Angico branco, comenta sobre situações que envolveram alunos e suas famílias, trazendo falas sobre o envolvimento com o tráfico de drogas como uma fonte de renda rápida:

Até teve um aluno meu do ensino médio (...) disseram que haviam invadido a casa dele e levaram ele e toda a família, (...) isso está disseminado e a parte de ganhar o dinheiro fácil faz a cabeça de muita gente.

Continua o relato revelando o quão próximo da escola está a drogadição e o tráfico, afetando de modo permanente a vida dos alunos e da comunidade escolar

(...) aqui teve um caso, mãe de três alunos nossos, ela saiu da cadeia, ela traficava, estava cuidando das crianças (...) eles entraram e mataram ela na frente dos filhos.

Em outra fala, a Escola Pitangueira, o tráfico de drogas aparece como meio de subsistência familiar:

Mas a gente sabe que é a subsistência de muitas famílias, que eles se mantêm através do tráfico, tem amigos que são traficantes, isso a gente sabe.

Em contrapartida, em algumas escolas, como por exemplo a Pindaíva, apareceram relatos sobre como o tema é tomado como um tabu:

Essa coisa de dizer eu uso ou minha família usa, é raro, o relato claro é muito difícil de acontecer, é muito velado.

A temática ocupa um lugar de interdito para escola, família e por vezes pelos próprios alunos, visto que não querem ser atrelados a este assunto. Ainda, na escola Pindaíva, a preocupação é em relação ao contexto da região (periferia), em que a drogadição é naturalizada, a supervisora comenta sobre uma situação com moradores do entorno:

Tinha uma casa onde uns estavam morando ali (...) pra consumir maconha e cheirar cocaína para as crianças (se referindo a alunos) poderem olhar. (...) Era numa lateral da escola e eles só abriam a porta dos fundos para consumir na hora do recreio (...) todos menores de idades.

Na escola Pintaguiera, também periférica, a diretora refere conhecimento do tráfico na região e o contato dos jovens até mesmo no núcleo familiar:

Tem pontos de tráfico aqui no bairro, inclusive tem alunos que convivem, tem irmãos que são traficantes, enfim que convivem com isso.

A escola Pindaíva está em constante contato com a drogadição, sendo de extrema importância o modo como a equipe diretiva lida com tais situações, para proteger o local, como na fala:

Dois rapazes da guarda municipal ficarem parados na cerca entre nossa escola e a casa deles (medida tomada pela secretaria de educação) (...) nós tiramos todo o recreio desse lado e colocamos pra cá, eles não tinham mais plateia.

Por fim, sua fala evidencia também a preocupação com a violência e com os adolescentes:

Essas são ações que a gente faz pra não bater de frente, porque os rescaldos (se referindo a retaliação) vêm e pra evitar que as crianças tenham esse contato dentro da escola.

Sobre o consumo de drogas pelos alunos, a diretora da escola Figueira relata sobre o uso que acontece nas dependências da instituição:

A gente percebe que os alunos usam né (...) até os professores veem que eles vêm drogados para sala de aula.

Ainda, aponta locais e momentos que a escola reconhece como críticos:

A gente tem que tá cuidando o banheiro (...) atrás da escola tem que cuidar, nos cantos do pátio na hora do recreio, porque uma brecha que tu dá eles usam.

Outra diretora (Pitangueira) ratifica as afirmações anteriores, relatando

A gente percebe bem quando um aluno está usando, não está, dá para perceber.

Essas falas demonstram a banalização do uso entre os alunos e a preocupação com a vigilância. Na escola Araçá amarelo, a diretora após contar sobre um aluno que queria levar bebida alcoólica para um passeio escolar, pergunta se o álcool será abordado durante a conversa com os adolescentes e acrescenta:

Eu gostaria de pedir para vocês que colocassem para eles que a bebida alcóolica é uma droga legal (...) porque de repente eles não têm essa noção, que também é uma droga. De repente eles têm a visão distorcida de que droga é só o que é ilegal.

Ainda, surge na Angico vermelho a percepção do consumo de álcool como presente e indispensável em qualquer comemoração, o que diminuiu a participação dos pais em festas escolares:

Eu vejo que as famílias de um modo geral tão bebendo (...) aí a gente vê a que ponto nós chegamos que as festas só têm graça no momento que tem bebida alcoólica.

Ambas as falas, apontam para a utilização das drogas como forma de socialização entre os pares.

Atuação profissional

Esse segundo marcador diz respeito aos sentimentos dos profissionais acerca da relação que os adolescentes possuem com a droga e a drogadição. Nas falas se evidenciou a preocupação, o medo e a tristeza em sete das dezesseis escolas visitadas. Fato que se dá pela convivência diária entre os educadores e os alunos, que neste processo dão sentidos a sua atuação profissional.

Ao longo do encontro com a diretora da escola Pitangueira, ao narrar sobre o uso de drogas entre os alunos, vem a expressão de profunda tristeza por ser, hoje, testemunha de uma realidade trágica que envolve alunos dos quais fez parte do crescimento e da vida escolar:

Eu comecei a trabalhar há onze anos aqui nessa escola do bairro e eu já vi muita coisa triste, sabe, de alunos que a gente vê crescendo, que começaram a usar e como estão hoje né, os que não foram mortos pelo tráfico, hoje estão em presídios, então é muito triste a gente perceber o que acontece com eles.

Durante a entrevista, até essa colocação, as respostas se referiam às ações realizadas pela escola sobre a temática e o turno integral adotado. A dificuldade da profissional em falar sobre as percepções acerca das drogas e drogadição, demonstra frustração, fragilidade e resistência em relação aos limites da educação como instituição e de sua própria atuação profissional.

Na escola Jerivá, a fala traz a impotência frente aos limites profissionais e institucionais, e o sentimento fracasso na tentativa de auxiliar os alunos:

Tivemos até citações de alunos que dizem 'Vocês não tem nada com isso', 'não tem nada com a minha vida' e como a gente nunca flagrou uma situação de uso de drogas propriamente aqui, não teve como fazer nada.

A coordenadora da escola Angico vermelho expressa descontentamento e relata que busca fazer o que está ao seu alcance:

Eu já me apavoro com essa coisa assim de tudo ser normal (...) eu me preocupo muito, a gente se sente bem incompetente (...) mas a gente faz toda aquela escuta e o encaminhamento.

Este diz respeito a comunicar os pais e encaminhar para o serviço de saúde apropriado. No mesmo viés, a supervisora da Pindaíva comenta sobre o trabalho com outras instituições:

A gente tenta esse trabalho com outros órgãos, porque a gente tem nossas limitações, enquanto profissionais e a gente tá com eles todos os dias.

Tais falas retratam a busca de um cuidado que ultrapasse os limites dos muros da escola.

Ações desenvolvidas sobre a temática

O terceiro marcador abarca as atividades realizadas sobre a drogadição. Quando questionadas, apenas uma instituição não relatou desenvolvimento de ações com foco na temática. As atividades consistiram em: palestras (n=9), falas durante as aulas realizadas por professores ou orientadores (n=3), parceria com serviços de segurança como o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), a Delegacia Especializada de Furtos, Roubos, Entorpecentes e Capturas (DEFREC) e a patrulha escolar (n=3). Quanto à intersetorialidade e a colaboração com serviços de saúde e outras instituições, foram mencionados os serviços de saúde pública, localizados dentro do território, o serviço especializado em saúde mental para crianças e adolescentes (Centro de Atenção Psicossocial Infância e Adolescência (n=1) e a Universidade (n=4).

Nas conversas com as escolas surgiram narrativas diferentes sobre o desenvolvimento de ações ou diálogos em torno do uso de drogas e seu impacto na sociedade. Como exemplo, a fala da supervisora da escola Jerivá reflete essa dualidade:

Mas sempre tiveram duas correntes, teve um pessoal que dizia que quanto mais a gente falasse do assunto e oferecesse para alunos menores, mais despertava a curiosidade (...) e tinha outro grupo que não que dizia que tinha que ser trabalhado.

Por fim, ela se posiciona a favor do diálogo:

Eu, particularmente acho que não tem por que não trabalhar, nos meios de comunicação, na mídia, tá tudo aí, então quanto mais esclarecidos eles estiverem, melhor.

Outras escolas compartilham da mesma visão, como Angico branco e Pitangueira:

Angico branco: A gente sempre conversa muito com eles em sala de aula.

Pitangueira: Por isso essa preocupação toda de ter atividades na escola, para poder, pelo menos diminuir um pouquinho a incidência de uso de drogas.

Em contrapartida, algumas escolas relatam evitar diálogos específicos em torno da droga e da drogadição. Na escola Boleiro a orientadora explica o porquê da hesitação em abordar o tema, numa tentativa de redirecionar o foco, utilizando-se de atividades relacionadas à valorização da vida. Ela refere, em algumas falas, que teme em escutar dos alunos, concluindo seu argumento:

Eu entrei na droga e eu não vou me envolver nisso.’ e ‘ah, eu entrei e eu posso sair; então se a droga é ruim eu posso sair’. Nesse sentido então a gente tentou fazer na questão de que a vida é boa e que a gente não precisa então entrar nessa situação.

No mesmo viés, a escola Figueira relata:

Mas assim a gente não fala tanto na droga né (referindo-se ao tema das ações realizadas), é mais assim, essa questão de se gostar, de não querer ir para aquele outro lado, de gostar da vida (...), mas assim a gente faz um trabalho.

Outras escolas, quando abordam a temática o fazem dentro de um viés proibicionista, apresentando dificuldades em abrir um espaço de escuta e acolhimento das percepções dos jovens. Na conversa com a escola Sucupira branca, a perspectiva escolhida para trabalhar com a temática da drogadição são as palestras. A orientadora, buscando compreender como a pesquisa funcionava, questionou as pesquisadoras se estas colocariam para os alunos os prejuízos causados pelas drogas, evidenciando a necessidade da escola de transmitir informações que amedrontam os estudantes, visando mantê-los longe das drogas. Na Angico branco, a supervisora reproduz suas falas em sala de aula:

Olha eu até mesmo se tivesse necessidade, estivesse passando fome, eu preferia bater na porta da casa de um de vocês do que fazer esse tipo de comércio (tráfico), ganhar esse dinheiro fácil que só tem dois caminhos né, ou a cadeia ou os próprios traficantes matam né, se não pensam como eles queriam.

Por outro lado, algumas escolas pontuam a importância da escuta e de um diálogo genuíno com os estudantes. A equipe diretiva da escola Angico vermelho lembra de ações com abordagens proibicionistas que chegaram à escola e suas consequências:

Nós trouxemos umas palestras que foram desastrosas (...) não teve efeito porque depende muito o enfoque, por isso que eu digo (...) não dá para ser repressora. Falar sobre droga como repressão esquece, então nem aborda fica em casa, isso já era isso não funciona.

A supervisora da escola Pindaíba coloca a escola como um espaço de acolhimento, descrevendo as condutas frente a problemática:

Qual o nosso papel? Não é de excluir, não é de botar pra fora, mesmo que tenha um problema, é trazer é acolher, é colocar o braço em cima, é confiar, principalmente na escola, e gostar, tanto que eles gostam, eles não querem sair daqui.

Faixa identificada como mais vulnerável

O último marcador é referente a escolha dos alunos que participaram dos grupos focais, delegada a critério da equipe diretiva, com a possibilidade de ser turmas inteiras ou um

grupo misto. Os principais anos/turmas do Ensino Fundamental indicados para o grupo foi o sexto ano (n=5), o sétimo ano (n=12), o oitavo ano (n=7), o nono ano (n=2), as idades que correspondem a esses anos são dos 12 aos 15, apenas uma escola optou por fazer com alunos do Ensino Médio, com 16 anos ou mais. Em algumas escolas, o grupo focal possuía alunos com idade acima da correspondente ao ano escolar, devido a repetências ou entrada na vida escolar com idade superior ao esperado.

A preocupação relacionada aos primeiros anos da adolescência pode ser evidenciada na fala da supervisora da escola Angico branco, que logo aponta as turmas do sétimo e oitavo anos como problema:

Penso que seriam alunos do sétimo e oitavo ano, que seriam os mais problemáticos, porque estão no auge do deslumbramento por tudo, quando chegam no nono já ficam mais tranquilos (...) os sétimos e os oitavos anos estão a mil, estão precisando de orientação.

Essas falas se repetem, de modos diferentes, nas demais escolas que escolheram as turmas finais do Ensino Fundamental. A diretora da escola Figueira, comenta:

É mais os sextos, os sétimos, os oitavos, assim, que tem mais problema de drogas né (...) a gente perdeu várias alunas até do sexto ano esse ano, uns seis ou sete, que desistiram de estudar né, vinham para escola a gente via assim, drogadas né, e daí no fim acabaram não vindo mais, desistiram.

O relato vem como justificativa da escolha de alunos do sexto ano. A entrevistada na escola Jerivá ratifica:

Eu acho que seguramente eu formaria um grupo com alunos do sexto e sétimo ano, que são esses alunos que estão apresentando problemas de disciplina, que a gente sabe que pode ter alguma ligação.

Discussões

A escola é considerada local de formação, possuindo importante papel na construção social, pois possibilita tanto a inserção do indivíduo dentro da sociedade, quanto uma constante transformação do corpo social. Tal questão se evidencia ao longo de todos os resultados apresentados, visto a preocupação dos profissionais da educação em promover ações e discutir sobre temáticas que perpassam o cotidiano dos alunos. O sistema educacional brasileiro contempla, no ensino básico, adolescentes dos 12 aos 18 anos, abrangendo a adolescência por completo, e por vezes, adentrando na vida adulta. Logo, a constituição do indivíduo é atravessada pelas instituições educacionais e pelos profissionais atuantes da área (Martins, 2017).

A maneira como o docente encara a adolescência repercute no modo de ensinar e na relação que será estabelecida com seus alunos. A relevância da relação aluno-professor incide no processo de aprendizagem dos conteúdos e diz respeito a um vínculo que propicia a escuta e o acolhimento deste sujeito em formação (Souza, Puentes; Silva, 2017). As equipes

diretivas, embora não possuam uma relação tão direta com os alunos, são responsáveis por decisões institucionais que afetam a vida escolar, como por exemplo a opção de falar ou não sobre drogas.

Dentre as atividades desenvolvidas sobre o assunto, se destacaram as palestras em 56% das escolas. Esse padrão vertical de transmissão de informação é definido pela equipe diretiva, o que pode revelar uma dificuldade de uma abordagem colaborativa que inclua o adolescente na produção do conhecimento. Por outro lado, os profissionais reconhecem a necessidade de discutir a temática em sala de aula e o fazem de acordo com seus conhecimentos, experiências e determinações. São sujeitos que possuem um pensamento formado sobre a droga e a drogadição, construído a partir de suas histórias de vida e de sua vivência no território o qual a escola se encontra.

A noção de território coloca em evidência as singularidades enfrentadas pelas escolas, compreendendo que esse não se restringe a um espaço físico, mas a todas as relações e processos existentes no local. Sendo assim, não é possível dissociar escola e comunidade, que se transformam e se influenciam mutuamente. A violência que cerca algumas escolas da cidade, passa pelos muros escolares quando permeia as vidas dos indivíduos ali inseridos. Nas falas das equipes entrevistadas, o tráfico surge como meio de subsistência para algumas famílias, evidenciando que quando o estado e as políticas públicas não imperam, o tráfico abre alas e se insere cada vez mais na vida dos jovens. Pensar sobre o território é refletir acerca da constituição subjetiva das pessoas, já que nele circulam discursos, práticas, e modos de interação que auxiliam os sujeitos em sua construção (Oliveira; Fonseca, 2006). Não obstante, no que se refere a territorialidade, cada escola, sendo ela periférica, central ou rural, apresenta suas semelhanças e singularidades. Essas diferenças, precisam ser consideradas tanto para a elaboração, quanto para a execução de qualquer ação educativa (Scholze; Zanatta; Brêtas, 2015).

Percebeu-se que a maioria das escolas periféricas, abarcadas por este estudo, reconhecia a temática da droga dentro dos seus cotidianos, não oferecendo dificuldades em falar sobre a violência, o tráfico e o uso de drogas no território. Compreendendo que os territórios influenciam os discursos que são legitimados ou não, a juventude das periferias é historicamente marginalizada e esses espaços são reconhecidos socialmente como locus de violência. Embora o jovem advindo dessa região seja estigmatizado por esses discursos, as generalizações são equivocadas e limitam as possibilidades desses indivíduos, visto que a realidade dessas regiões não necessariamente condiz com o discurso (Souza; Paiva, 2012). Apesar dessas escolas abordarem tais assuntos com maior frequência, não se constitui como uma tarefa fácil, demandando uma busca por modos mais efetivos.

Por outro lado, as escolas da região central relataram uma distância quanto à temática da drogadição. Cabe questionar se realmente estão afastadas da droga e da violência, ou se o território não reconhece nem legítima um tema que faz parte do seu cotidiano. Ainda, dentre as escolas que negaram participação no estudo, três se localizam nesta região. Nessa perspectiva, supõe-se que falar sobre a presença de drogas em territórios centrais parece ser um tabu, e lançar mão do mecanismo da negação se configura como uma estratégia de defesa e uma estrutura de proteção aos alunos do estigma da marginalização, assim como de manutenção do status quo ou posição social que a escola ocupa (Souza; Paiva, 2012).

No interior, as escolas apontaram uma maior proximidade dos alunos e da comunidade com o álcool, o qual permeia a cultura e o território dessas localidades com pequenos bares, vendas e botecos. O álcool, por se tratar de uma droga lícita de fácil acesso e baixo preço, costuma estar presente nas comemorações sociais, como festividades religiosas, celebrações de nascimento e de morte, além de seu propósito medicinal. Observa-se uma naturalização do seu consumo, sendo vinculado ao prazer e ao lazer. Nesse contexto, só é visto como um problema, quando seu abuso é ligado à violência (Bertoni; Santos, 2017). O adolescente, imerso nessa relação, direta ou indiretamente, cria uma relação familiar com essa droga. Por vezes, influenciados por amigos e pela família a iniciar o consumo, uma vez que o álcool é visto como menos nocivo do que outras drogas.

Em consonância, a PeNSE identificou que 55% dos alunos do nono ano do ensino fundamental já tinham consumido alguma bebida alcoólica. Segundo as entrevistadas, na zona rural, devido à falta de políticas públicas específicas, o isolamento e a dificuldade de acesso dessas populações ao Sistema de Saúde, o uso e abuso de álcool é comum e habitual. Fato que é ratificado por um estudo realizado em assentamentos do Movimento Sem Terra (MST), que relacionou o consumo de drogas com a vulnerabilidade social e a falta de políticas públicas, podendo ser utilizadas como um mecanismo de fuga dos problemas (Scholze et al., 2020).

No que se relaciona a faixa etária apontada como mais vulnerável ao uso de drogas, dos 12 aos 14 anos, as equipes diretivas fazem uma associação com o rendimento escolar (indisciplina e evasão) dos alunos. Essa percepção é ratificada por um estudo realizado com adolescentes internados para tratamento por drogadição, que por meio de autobiografias, a maioria dos pesquisados relataram um declínio no rendimento escolar na quinta ou sétima série (atual sexto e oitavo ano) (Bahls; Ingbermann, 2005). Em um estudo que realizou um levantamento da idade de início do uso de drogas, no mesmo município em que a presente pesquisa foi desenvolvida, constatou-se que o primeiro contato com essas substâncias se dá no começo da adolescência (entre 12 e 17 anos) (Garcia *et al.*, 2012).

Relacionado a essa percepção das equipes diretivas sobre a “idade problema”, está a questão do que se espera da juventude e de seus comportamentos no ambiente escolar. Visto que, a escolha dos alunos que participaram da pesquisa, foi justificada e fortemente ligada a ideia da indisciplina pelas equipes diretivas. Souza e Paiva (2012) trazem concepções sobre a juventude e sua construção social no Brasil. As autoras apontam a existência de uma dicotomia na visão que se tem sobre os adolescentes: de um lado o jovem exposto a fatores de risco e violência, estando este à margem da sociedade; e do outro aquele que será no futuro um adulto responsável. Essas percepções são influenciadas pelo status social que o adolescente ocupa, bem como as narrativas já consolidadas sobre a periferia e a violência.

É como se os alunos contemplados pela pesquisa necessitassem de orientação e direcionamento, no intuito de mantê-los dentro das expectativas correspondentes aos jovens que participarão de forma positiva do desenvolvimento social. De acordo com as autoras citadas, tais afirmações limitam os jovens na formação de suas identidades enquanto cidadãos. Em consonância, Souza, Puentes e Silva (2017) apontam que os comportamentos dos alunos podem estar ligados e influenciados pelas expectativas e condutas de seus professores, havendo relação entre os atos dos educandos a partir dos olhares dos educadores.

Tais concepções dos profissionais da educação influenciam os alunos, uma vez que a autoridade no ambiente escolar, na busca de proteger, acaba por excluir o jovem no desenvolvimento de sua autonomia e de sua responsabilidade (Pereira, 2009). Esse cenário é observado nas escolas visitadas, nas quais as formas de abordagem são, em maioria, palestras, empregando a lógica de produzir algo “para eles” e não “com eles”. Mesmo que essa estratégia seja válida, por trazer informações claras e diretas, falta a aproximação, saber quais são suas urgências e de qual modo eles querem falar sobre elas. Além disso, as entrevistadas que relataram escolha por atividades que fogem ao tema da drogadição (por exemplo: valorização da vida), na justificativa de prevenção, negam e/ou não reconhecem a importância/relevância de falar sobre drogas para a vida do adolescente.

O adolescente chega, então, a uma oposição entre a dependência diante do adulto, que não responde a suas reais necessidades, e a urgência em ter sua autonomia. As atividades verticais promovidas nas escolas invisibilizam as concepções e as construções possíveis dos estudantes, impedindo seu protagonismo. Essas questões se constituem como barreiras para efetividade de ações educativas. O jovem necessita criar por si mesmo suas ocupações, agrupado a seus pares. Um estudo transversal realizado com adolescentes brasileiros, aponta que participar de grupos ligados a atividades esportivas e culturais parece ser um fator de proteção contra o uso de drogas ilícitas nessa fase da vida (Jorge et al., 2018).

É em meio a essas invenções e vivências em grupo que ele desenvolve suas potências. Quando o adulto concilia a dependência e a autonomia do adolescente, permite que as atividades que eles decidiram fazer, se configurem em fatores de proteção ao uso de drogas (Pereira, 2009). A exemplo das atividades de lazer, que por vezes são tomadas pelos adultos como improdutivas e banais, desconsiderando a potência e a importância desses momentos para construção da subjetividade. Como reforçam Jimenez e Tucci (2017, p. 490), em uma revisão de literatura:

O lazer não é necessariamente um fator de exposição ao uso de drogas, mas acaba se constituindo como tal pelo fato de ser uma prática sem espaços e/ou estímulos adequados para este fim, o que faz com que o próprio uso de drogas seja identificado como lazer.

A marginalização do “não fazer nada” se constitui como mais uma barreira para ações em saúde na adolescência. Os principais pontos de resistência são a verticalidade das ações educativas, que são pautadas na relação de autoridade, impedindo que os jovens tenham uma participação efetiva nestas ações. Considerando a adolescência como um processo de desenvolvimento, impossibilitar a participação ativa do escolar pode gerar o sentimento de incapacidade de ter autonomia (Souza; Puentes; Silva, 2017). Assim, para que a promoção de saúde seja efetiva no espaço escolar, as propostas necessitam da participação dos escolares, dos profissionais da educação e da comunidade, de modo articulado e contextualizado (Fumagalli *et al.*, 2020).

Romper a postura de poder e a distância entre professores e alunos se torna um passo importante. O PSE pode ser uma estratégia eficaz para fomentar a participação ativa dos estudantes, adotando uma abordagem mais horizontal e colaborativa. Ao integrar alunos, educadores e a comunidade, o programa busca suavizar a verticalidade das ações educativas, permitindo que os adolescentes compartilhem suas preocupações e desenvolvam autonomia, o que contribui para o fortalecimento de vínculos e torna as intervenções mais eficazes e adequadas ao contexto (Brasil, 1996).

Levando em conta isso, Freire (1996) traz que a educação só acontece quando há respeito aos saberes dos educandos, considerando suas vivências e saberes para uma construção conjunta. Nesse sentido falar sobre a temática da drogadição nas escolas não se trata da transmissão dos saberes dos adultos aos educandos, e sim de uma incursão e valorização das vivências e entendimentos dos adolescentes dentro e fora dos muros da escola, visando uma produção de conhecimento coletiva e que faça sentido para todos envolvidos.

Considerações finais

As percepções das equipes diretivas sobre a temática das drogas revelam distintas demandas entre os territórios visitados, seja de maneira explícita ou implícita. No contexto regional do município, nas escolas das periferias, o tráfico e o consumo de drogas ilícitas são recorrentes na rotina dos estudantes, o que é frequentemente verbalizado entre os pares. Por outro lado, nas escolas da região central, a temática tende a ser minimizada, sugerindo um tabu como estratégia de defesa contra o estigma. Nas áreas rurais, o consumo de álcool é prevalente e naturalizado nas práticas culturais, com problemas surgindo quando seu abuso está associado à violência. Entretanto, em comum, as equipes diretivas enfrentam desafios acerca do tema.

As instituições de ensino são locais de encontro de realidades, onde há muitas possibilidades de ações em saúde. Contudo, o sucateamento das escolas no Brasil finda por limitar essas oportunidades, deixando os profissionais da educação sobrecarregados diante das demandas que os convocam. O sentimento de impotência é presente, visto que a formação desses profissionais não direciona para o enfrentamento de demandas em saúde. Apesar disso, professores e equipes diretivas se mostram ativos e preocupados pois a droga e a drogadição se apresentam no ambiente escolar.

Ações em promoção de saúde e prevenção dos agravos são realizadas pelo PSE na maioria das escolas contempladas pela pesquisa. No entanto, as questões relacionadas ao público adolescente são consideradas de relevância inicial, de modo que fica despercebido que no processo de “adolescer” transitam e disparam muitas outras problemáticas, que precisam ser escutadas e validadas. É perceptível a importância de uma melhor articulação entre saúde e educação no que tange a capacitação dos profissionais da educação, no intuito de promover maior segurança em abordar tais assuntos e produzir um cuidado que vise a autonomia, bem como um espaço de acolhida e bom relacionamento dos escolares com os profissionais da educação.

Por vezes, quando é necessário lidar com situações diretas e indiretas relacionadas ao uso e abuso de substâncias químicas, a abordagem adotada é evitativa e punitiva. Isso pode dificultar a construção de um vínculo entre os alunos e os profissionais da educação. No caso da dependência química, considerando todas as questões envolvidas, é fundamental implementar ações efetivas para os alunos, refletindo sobre o quão insatisfatório têm sido os modos de intervenção até então utilizados.

Destaca-se a necessidade de desconstruir a postura vertical e distante entre a díade professor-aluno, buscando um processo de educação em saúde conjunto. A construção de vínculos viabiliza o desenvolvimento de uma relação colaborativa e empática, podendo

potencializar a troca de conhecimentos, fortalecer a autonomia dos estudantes e promover um aprendizado mais significativo e humanizado.

Referências

AMADOR, Fernanda Spanier; LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzini dos; SANTOS, Nair Iracema Silveira. Pesquisar-Agir, Pesquisar-Intervir, Pesquisar-Interferir/Search-Act, Search-Intervene, Search-Interfere. **Revista Polis e Psique**, v. 5, n. 2, p. 228-248, 2015.

BAHLS, Flávia Rocha Campos; INGBERMANN, Yara Kuperstein. Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência. **Estudos de psicologia** (Campinas), v. 22, p. 395-402, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000400007>.

BERTONI, Luci Mara; SANTOS, Rosângela Vasconcelos Raimundo. Alcoolismo e meio rural. **Revista GeoNordeste**, n. 1, p. 98-113, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Dispõe sobre a aprovação do Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 25 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 06 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. **Diário Oficial da União**, 20 dez. 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 06 fev. 2024.

COELHO, Clara C. A.; DELL'AGLIO, Débora D. Clima escolar e satisfação com a escola entre adolescentes de ensino médio. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 21, n.1, p. 248-264, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v21n1p265-281>

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602004000200012&script=sci_abstract Acesso em: 06 fev. 2024.

FALCÃO, Elza Ribeiro Martins. Desafios na Educação Moderna por Hannah Arendt: Relações com a Educação Brasileira. **Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, v. 1, n. 1, 2024. <https://doi.org/10.51473/rcmos.v1i1.2024.78>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FUMAGALLI, Laura Mendes Rodrigues *et al.* Promoção da saúde no ambiente escolar: uma revisão sistemática. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 13, n. 3, p. 184-200, 2020. <https://doi.org/10.22409/resa2020.v13i3.a28841>.

GARCIA, Edna Linhares *et al.* conhecendo o perfil do usuário de crack de Santa Cruz do Sul. **Barbarói**, n. 36, p. 83, 2012. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i36.2922>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**: análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental municípios das capitais 2009/2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019 Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101955.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2024.

JIMENEZ, Luciene; TUCCI, Adriana Marcassa. Notas sobre a produção acadêmica brasileira: uso de drogas na adolescência. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 18, n. 2, p. 484-494, 2017. <https://doi.org/10.15309/17psd180216>.

JORGE, Kelly Oliva *et al.* Influência do grupo de pares e uso de drogas ilícitas entre adolescentes brasileiros: um estudo transversal. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, 2018. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00144316>.

KOEHLER, Sonia Maria Ferreira; GONZALES, Nathália Garcia Panacioni; MARPICA, Júlia Barbeito. A escola como promotora da saúde mental e do bem-estar juvenil: oficinas pedagógicas com adolescentes. **Desidades**, v. 29, n. 9, p. 168-185, 2021.

MARTINS, Fabiana Fernandes Ribeiro. encontrar escola: o tempo livre como criação de outro modo de habitar a instituição. **Childhood & philosophy**, v. 13, n. 27, p. 213-233, 2017. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2017.26765>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2011.

OLIVEIRA, Andréia Machado; FONSECA, Tania Mara Galli. Os devires do território-escola: trajetos, agenciamentos e suas múltiplas paisagens. **Educação e Realidade**, v. 31, n. 02, p. 135-153, 2006.

PEREIRA, Sandra Eni Fernandes Nunes. **Redes sociais de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social e sua relação com os riscos de envolvimento com o tráfico de drogas**. 2009. 337f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2009.

SCHOLZE, Alessandro Rolim *et al.* Consumo de álcool entre jovens e adolescentes do Movimento Sem Terra. **Journal of Nursing and Health**, v. 10, n. 1, 2020. <https://doi.org/10.15210/jonah.v10i1.18107>.

SCHOLZE, Alessandro Rolim; ZANATTA, Luiz Fabiano; DA SILVA BRÊTAS, José Roberto. Dados sobre o consumo de álcool entre a juventude rural: uma constatação de ausências. **Revista Contexto & Saúde**, v. 15, n. 29, p. 63-68, 2015. <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2015.29.63-68>.

SOUZA, Cândida de; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 17, p. 353-360, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300002>.

SOUZA, Cláudia Silva de; PUENTES, Roberto Valdés; SILVA, Silvia Maria Cintra da. A docência com adolescentes sob o olhar do professor: enfoque histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 4, p. 529-537, 2017. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i4.38995>.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010.

TARGINO, Raquel; HAYASIDA, Nazaré. Risco e proteção no uso de drogas: revisão da literatura. **Psicologia, saúde & doenças**, v. 19, n. 3, p. 724-742, 2018. <http://dx.doi.org/10.15309/18psd190320>.

Sobre as Autoras

Edna Linhares Garcia

<http://lattes.cnpq.br/7739842352655002>

Psicóloga pela Universidade Federal do Ceará (1985), especialista em Psicoterapia Psicanalítica (UNICAMP, 1998) e em Fundamentos Epistemológicos da Psicologia e da Psicanálise (UNICAMP, 1990). Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1991), doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Professora, supervisora e pesquisadora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul e Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Promoção de Saúde e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Psicologia desta universidade. Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, redação e aprovação do manuscrito final.

Letiane de Souza Machado

<http://lattes.cnpq.br/5466082528090289>

Doutoranda e Mestra em Promoção da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde (PPGPS) / UNISC. Nutricionista graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015). Especialista em Terapia Intensiva. Integra o Grupo da Pesquisa sobre Adolescências (GRUPAD) - braço do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde (GEPS) e do Grupo Interdisciplinar Ampliado de Trabalho e Estudos em Saúde (GIATES/UNISC). Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, redação e aprovação do manuscrito final.

Laís Machado Corrêa

<http://lattes.cnpq.br/1303417001937692>

Psicóloga graduada em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Colaboradora do Grupo da Pesquisa sobre Adolescências (GRUPAD) - braço do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde (GEPS). Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, redação e aprovação do manuscrito final.

Stéfanni Vargas Silveira

<http://lattes.cnpq.br/3840471102898726>

Psicóloga e Residente Multiprofissional do 2º ano no Programa Residência Multiprofissional em Saúde com área de concentração Atenção Básica pela Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS). Graduada em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) em 2022. Colaboradora do Grupo da Pesquisa sobre Adolescências (GRUPAD) - braço do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde (GEPS). Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, redação e aprovação do manuscrito final.

Kayla Niandra da Silva

<http://lattes.cnpq.br/2698272349499200>

Psicóloga e Residente Multiprofissional do 2º ano do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde, com concentração na área de Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS). Graduada em Psicologia pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) em 2023. Colaboradora do Grupo da Pesquisa sobre Adolescências (GRUPAD). Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, redação e aprovação do manuscrito final.

Jodéli Fabiana Dreissig

<http://lattes.cnpq.br/7023409029028987>

Acadêmica do curso de Psicologia na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), bolsista de iniciação científica do CNPq (2023/2025), integrante do Grupo da Pesquisa sobre Adolescências (GRUPAD), vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde (GEPS), e colaboradora no Ambulatório Multiprofissional de Atenção à Saúde da População LGBTQIA+ (AMBITRANS). Conceitualização, curadoria de dados, análise formal, redação e aprovação do manuscrito final.